



Projeto Artemísia: empoderamento feminino pelo cultivo e comercialização de ervas medicinais.

Artemisia Project: female empowerment through the cultivation and commercialization of medicinal herbs.

ROCHINHA, Isabela da Silva Pedro¹; MORELLI, Luana Leme²; GOMES, Letícia Santos³; COUTO, Izabela Pontes do⁴; ARAUJO, Leila Conceição da Silva⁵; ANHOLETI, Maria Carolina⁶; CARMO, Dirlane de Fátima do⁷

¹Universidade Federal Fluminense, isabelarochinha@id.uff.br; ²Universidade Federal Fluminense, luanamorelli@id.uff.br; ³Universidade Federal Fluminense, gomesleticia@id.uff.br; ⁴Universidade Federal Fluminense, izabelacouto@id.uff.br; ⁵Universidade do Estado do Rio de Janeiro, leila.araujo.eu@gmail.com; ⁶Universidade Federal Fluminense, mc_anholeti@id.uff.br; ⁷Universidade Federal Fluminense, dirlanefc@id.uff.br.

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Agriculturas Urbanas

Resumo: O cultivo de ervas medicinais como uma prática da agricultura urbana pode contribuir para o desenvolvimento das favelas, sob os aspectos sociais, ambientais e econômicos. Nesse contexto há que se destacar as mulheres como líderes dentro dessas comunidades e o recorte histórico de seus conhecimentos sobre essas plantas. No entanto, há a necessidade da mobilização e capacitação dessas mulheres para o cultivo de ervas medicinais sob a perspectiva agroecológica e habilitá-las para a produção e comercialização de produtos a partir das ervas medicinais, como os escalda pés. A fim de atender os objetivos realizaram-se oficinas de capacitação e a implementação de canteiros nas comunidades. Observou-se um impacto positivo no conhecimento sobre as ervas medicinais, na autonomia feminina e na possibilidade de geração de renda para elas através da comercialização dos produtos provenientes dessas ervas.

Palavras-chave: Autonomia Feminina; Agricultura Urbana; Favela; Plantas Medicinais.

Introdução

A população da área urbana crescerá em 68% até 2050, o que pode gerar o aumento da insegurança alimentar, desnutrição e doenças relacionadas à dieta da população. Uma das soluções que se apresentam é a agricultura urbana e periurbana (AUP) (FAO; RIKOLTO; RUAF, 2022). Mougeot (2000) define a AUP como o cultivo de vários alimentos e produtos não-alimentícios realizados dentro ou na periferia das cidades, utilizando recursos humanos e materiais, produtos e serviços encontrados nessas áreas. Ela propicia o desenvolvimento de comunidades e favelas, segurança alimentar e nutrição, gera emprego e recicla resíduos (FAO, 2022).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2019), as favelas, também chamadas de “aglomerado subnormais”, são locais onde há ocupação irregular, densamente povoada, com pessoas em condições de saneamento básico e moradia precária. No estado do Rio de Janeiro existem 453.571 domicílios dentro



dessas condições. Outro problema enfrentado por quem vive nesses locais é a vulnerabilidade socioeconômica, onde a maioria dos trabalhos são informais ou domésticos (FLEURY; MENEZES, 2020). Dentro desse contexto as mulheres vêm se consolidando como líderes desde a década de 1970 (NUNES; VEILLETTE, 2022). Desafios significativos foram enfrentados por mulheres das comunidades durante a pandemia da COVID-19, que ainda assim buscaram soluções inovadoras para seus problemas (NUNES, 2021).

Dessa forma, destaca-se o protagonismo feminino, que vem avançando na busca por soluções sustentáveis (TORREÃO, 2007). Essas mulheres procuram minimizar o sofrimento de sua família e de sua comunidade (JUNQUEIRA; ROCHA, 2021). Uma forma conhecida para aliviar sintomas de doenças é o uso de ervas medicinais. As mulheres são reconhecidas como as principais cuidadoras e curandeiras em suas comunidades e o conhecimento da forma de utilização dessas espécies medicinais são passados de forma oral entre as gerações (DAHLBERG; TRYGGER, 2009; WAYLAND, 2001; VOEKS, 2007), com esse saber contribuindo para emancipação pessoal e social dessas mulheres (COSTA, 2020).

Tendo em mente que o cultivo dessas plantas medicinais em favelas gera saúde, sustentabilidade, protagonismo e emancipação para as mulheres (DIAS, 2002), esse trabalho teve como objetivo avaliar o processo de mobilização e capacitação de mulheres de comunidades do município de São Gonçalo pelo “Projeto Artemísia” para o cultivo de ervas medicinal sob a perspectiva agroecológica e o empoderamento delas a partir da produção para comercialização desses produtos com valor agregado.

Metodologia

O estudo foi conduzido durante o Projeto Artemísia: Letramento Social e Empreendedorismo Feminino no Cultivo de Ervas Medicinais e na Produção de Sabonetes Artesanais, em São Gonçalo. O Movimento Cidade no Feminino, a Câmara Popular de Mulheres e a Universidade Federal Fluminense (UFF) optaram por trabalhar em localidade com alta fragilidade para levar letramento social e empreendedorismo feminino a 10 comunidades escolhidas de São Gonçalo (22° 49' 37"S 43° 03' 14"O).

Foram ministradas oficinas no decorrer do projeto a fim de capacitar o grupo de mulheres destinadas ao cultivo e manejo agroecológico, de farmácia, de marketing e saboaria. As oficinas de cultivo se basearam em propostas pedagógica teórico-prática, buscando uma troca de conhecimentos na produção de ervas medicinais, através dos conceitos da agroecologia, permacultura e reutilização de resíduos orgânicos, sobre secagem das ervas medicinais e extração dos princípios ativos.



Resultados e Discussão

Foram realizadas, no total, oito capacitações em dois momentos distintos, sendo às realizadas no primeiro momento conduzidas de forma teórica e as executadas no segundo momento de forma prática. Dessas capacitações, foram duas teórico-práticas e uma prática. O intuito era alcançar a autonomia e o letramento social dessas mulheres através do resgate dos saberes tradicionais das ervas medicinais, uma vez que já são reconhecidas por serem as guardiãs desse conhecimento (DAHLBERG; TRYGGER, 2009; WAYLAND, 2001; VOEKS, 2007), bem como conduzi-las para novos conhecimentos e troca de saberes. Essas capacitações buscaram ensinar formas de produção de baixo impacto ao meio ambiente.

Trabalhou-se com essas mulheres nas oficinas de plantio e farmácia uma introdução à leitura da paisagem, produção de mudas, gestão de resíduos sólidos com produção de biocomposto, plantio, manejo de espécies medicinais, produção de biofertilizantes, colheita, secagem e métodos de extração de extratos vegetais (infusão, decocção, maceração e tintura). Elas aprenderam a manejar a terra, as condições necessárias para cada uma das espécies medicinais escolhidas se desenvolverem, a extração dos princípios ativos e a realizarem os processos necessários para sua comercialização. Como os sabonetes produzidos na saboaria eram naturais, o cultivo das ervas foi direcionado para a produção de escalda-pés e travesseiros aromáticos.

Posteriormente houve a implementação de canteiros de cultivo dessas ervas medicinais, etapa que está em andamento. Foi encontrado um problema já conhecido pela AUP que é a falta de espaço disponível (FAO, 2022). Algumas comunidades não possuíam áreas para o cultivo e a alternativa foi utilizar vasos. Dessa forma, foi possível condensar o plantio e obter uma maior produção. Além disso, para que seja possível ter uma produção significativa para gerar renda, foram escolhidas espécies com rendimento (massa seca produzida/massa fresca produzida) elevado para que se obtenha a maior quantidade de massa seca por área disponível.

Braga e Silva (2021) realizaram um estudo a fim de determinar o perfil dos consumidores de ervas medicinais no Brasil, com 90,1% dos entrevistados utilizando essas plantas de alguma forma, demonstrando o alto potencial de comercialização delas. Diversos produtos podem ser preparados a partir das ervas medicinais com manejo agroecológico, sabonetes com propriedades fitoterápicas (LIBERATO *et al.*, 2020), temperos para alimentação, cosméticos, remédios (GOMES, AMARAL; FERRANTE, 2020), para faxina ecológica (SANTOS *et al.*, 2020), banhos (BARBOZA *et al.*, 2020), afecções bucais (EMMI; MELO; ARAÚJO, 2021), entre outros. O método de manejo agroecológico adotado no projeto visa conscientizar as mulheres sobre sua relação com o ambiente e ressignificar a mão de obra dessas mulheres (SANTOS *et al.*, 2020).



As mulheres do Projeto Artemísia já estão produzindo essas ervas e começarão a comercializá-las em forma de escalda-pés, bem como vem sendo produzidos para serem vendidos sabonetes artesanais através da cooperativa formada por elas. Percebe-se com esse projeto que as mulheres de favelas podem atuar como líderes na produção, comercialização e gerenciamento de produtos artesanais e sustentáveis. Observa-se que é possível conquistar resultados similares aos encontrados por Souza e Dubeux (2020) já no início das atividades comerciais, com as mulheres possuindo uma renda mensal, o que contribui para sua autonomia, independência financeira e posicionamento frente à família e sociedade. Além disso, a forma de produção passada a elas aumenta a percepção ambiental e assim questionam os produtos sintéticos, a adubação convencional e o descarte inadequado das embalagens, o que fomenta o empoderamento e o letramento social.

Conclusões

As capacitações e o início da implementação dos canteiros de ervas medicinais permitiu a compreensão da necessidade de empoderamento feminino e conscientização ambiental das mulheres de favela, uma vez que elas são influentes nesse meio e contribuem para a disseminação desses conhecimentos. Com o Projeto Artemísia foi possível observar que houve um impacto significativo na consciência ambiental, no conhecimento sobre as ervas e na autonomia das mulheres participantes. Nota-se ainda que essas oficinas ajudaram a disseminar informações que ajudam a mitigar a diferença de gênero e discriminação existente na sociedade. A partir da comercialização dos produtos beneficiados das ervas medicinais será possível fortalecer ainda mais essas mulheres por meio da geração de renda e, por consequência, a emancipação financeira delas.

Agradecimentos

Ao deputado que doou a verba parlamentar nº 24970004 para a realização do projeto. A Universidade Federal Fluminense, Câmara Popular de Mulheres, Movimento Cidade no Feminino e a Companhia de Limpeza de Niterói pelo apoio na execução do projeto.

Referências bibliográficas

BARBOZA, Augusto V. *et al.* Percepção dos Alunos a Respeito do Uso de Plantas Medicinais em Escolas Públicas de Salvaterra. **Biota Amazônia**, v. 10, n. 1, p. 24–30, 20 abr. 2020.

BRAGA, Joelma C. B.; SILVA, Luan R. DA. Consumo de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: perfil de consumidores e sua relação com a pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 3831–3839, 2021.



COSTA, Juliana de A. **Mulheres Rurais e Plantas Medicinais: Saberes, Socialidades e Autonomia Feminina.** Dissertação. 2019. 147f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro De Ciências Rurais. Santa Maria, 2019.

DAHLBERG, Annika C.; TRYGGER, Sophie B. Indigenous Medicine and Primary Health Care: The Importance of Lay Knowledge and Use of Medicinal Plants in Rural South Africa. **Human Ecology**, v. 37, n. 1, p. 79–94, 2009.

DIAS, J. E. A Importância do Uso de Plantas Medicinais em Comunidades de Periferia e sua Produção Através da Agricultura Urbana. **Acta Horticulturae**, n. 569, p. 79–85, fev. 2002.

EMMI, Danielle T.; MELO, Fernanda O. B.; ARAÚJO, Marizeli V. DE A. Saber popular e conhecimento científico na comercialização de plantas medicinais para saúde bucal. **Revista Fitos**, v. 15, n. 4, p. 482–493, 17 dez. 2021.

FAO; RIKOLTO; RUAFA. **Urban and peri-urban agriculture sourcebook – From production to food systems.** Rome, Itália, 2022. 156p.

FLEURY, Sonia; MENEZES, Palloma. Pandemia nas favelas: entre carências e potências. **Saúde em Debate**, v. 44, n. spe4, p. 267–280, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2019. **Aglomerados subnormais 2019: classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à COVID-19.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=21017> 17. Acesso em: 07 jul. 2023

JUNQUEIRA, Lilian C. U.; ROCHA, Fernanda P. Experiências de mulheres durante a pandemia da COVID-19: o grupo como suporte psicossocial e empoderamento feminino. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 5, p. 23290–23308, 2021.

LIBERATO, Maria da C. T. C. *et al.* Produção de sabonetes fitoterápicos usando produtos das abelhas *apis mellifera* L. E *melipona subnitida* D. Com plantas do semiárido nordestino contra afecções cutâneas. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 50633-50646, 2020.

MOUGEOT, Luc J. A. Urban agriculture: definition, presence, potential and risks. In: BAKKER, N.; DUBBERLING, M.; GUNDEL, S.; SABELKASCHELLA, U.; ZEEUW, H. (Ed.). **Cidades que crescem cultivando alimentos: Agricultura urbana na agenda política.** Feldafing: DSE, 2000. p. 142.

NUNES, Nilza R. D. A. The power that comes from within: female leaders of Rio de Janeiro's favelas in times of pandemic. **Global Health Promotion**, v. 28, n. 2, p. 38–45, 2021.



NUNES, Nilza R. DE A.; VEILLETTE, Anne-Marie. Mulheres de favelas e o (outro) feminismo popular. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 1, p. e75556, 2022.

SANTOS, J. H. *et al.* Alquimias da Terra: uma experiência de usos das ervas medicinais na faxina ecológica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 11., 2019, São Cristóvão. **Anais eletrônicos...** São Cristóvão: Associação Brasileira de Agroecologia, 2019. (Cadernos de Agroecologia, v.15, n. 2, 2020).

SOUZA, Beatriz P., DUBEUX, Ana. Espaços de Comercialização Solidária e Fortalecimento da Autonomia Feminina: A Experiência do Mercado da Vida em Bonito – PE. In: Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia: Trabalho, Cuidados e Bens Comuns, 3., Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: Associação Brasileira de Agroecologia, 2019. (Cadernos de Agroecologia, v.15, n. 3, 2020).

TORREÃO, Nádia. A Liderança Feminina no Desenvolvimento Sustentável. **Revista Ártemis**, v. 7, p. 101–121, 2007.

VOEKS, Robert A. Are women reservoirs of traditional plant knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in northeast Brazil. **Singapore Journal of Tropical Geography**, v. 28, n. 1, p. 7–20, mar. 2007.

WAYLAND, Coral. Gendering Local Knowledge: Medicinal Plant Use and Primary Health Care in the Amazon. **Medical Anthropology Quarterly**, v. 15, n. 2, p. 171–188, 2001.